

**Carnaval de rua em São Luis do Maranhão: a elaboração de um discurso.**

**Fabio Henrique Monteiro Silva<sup>1</sup>**

Resumo: O presente artigo busca analisar as transformações na festa carnavalescas ocorridas na cidade de São Luís do Maranhão na década de 1990, momento em que alguns articulistas, bem como intelectuais ligados à ambiencia da cultura popular, procuram legitimar o discurso do verdadeiro carnaval ludovicense: o carnaval de rua. Violando as memórias de alguns bambas ludovicense procuramos comprovar que o carnaval ludovicense não se resume apenas às praticas de consumo nas ruas

Palavras-chave: Carnaval, São Luis, Passarela do Samba, Escola de Samba

Abstract: This article aims to analyze the transformations in the carnival party that took place in the city of. In the 1990s, when some writers, as well as intellectuals linked to the ambience of popular culture, seek to legitimize the discourse of the true Ludovic carnival: carnival of street. Violating the memories of some Ludovician wobbles we try to prove that the Ludovic carnival is not just a matter of the consumption practices in the streets.

Keywords: Carnival, São Luis, Samba Passarela, Samba School

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós- Graduação em História Ensino e Narrativas. – UEMA.  
<http://lattes.cnpq.br/6143561297090144>. E-mail: [monteiromercon@gmail.com](mailto:monteiromercon@gmail.com)

## Introdução

A elaboração discursiva apresentada nas matérias jornalísticas acerca do carnaval de rua e de passarela praticado em São Luís do Maranhão não esclarece as peculiaridades entre essas brincadeiras. O que pode ser classificado como uma brincadeira de rua ou como uma brincadeira de passarela? Qual o critério que fora utilizado para que os organizadores afirmassem o que é uma brincadeira de rua ou de passarela?

Durkheim e Mauss (1991) afirmam que o ato de classificar reflete automaticamente em dividir algo em grupos distintos e determinados, além de mostrar que não existem classificações espontâneas, já que estas sempre são arbitrárias e oferecidas à sociedade. Desse modo, a partir da década de 1990, foi oferecido à sociedade maranhense um conceito de brincadeiras de rua: aquelas que se apresentavam nos circuitos oficiais de rua. Apesar de elaborar uma espacialidade até mesmo oposta entre rua e passarela, os organizadores do carnaval esqueceram-se de que os mesmos blocos que se apresentavam nas ruas, apresentavam-se na passarela do samba.

O carnaval de rua passa a ser, então, aquele guardião da tradição sambista de São Luís, uma tradição que deve ser mantida. Giddens (1991) afirma que tradição é uma orientação para o passado, a fim de exercer uma imensa força no presente, portanto, com uma prática social de confiabilidade na continuidade do passado, o discurso do carnaval de rua tradicional de São Luís vai se tornando uma prática cotidiana. Era preciso viver o nosso carnaval de rua, um evento popular de identidade própria da maior importância. Tem graça, originalidade, conteúdo e tradição. Era necessário reconhecer que “esse era o nosso verdadeiro carnaval pois os bons tempos estão de volta” (O IMPARCIAL, 1994, p, 7)

### **1. Os antigos carnavais em São Luís: a rua e a passarela do samba**

A vontade era tanta de reviver os antigos carnavais, de resgatar o título de terceiro melhor carnaval do país que, na tentativa de ressuscitar o carnaval do passado nesse ano, -

1990 - os promotores do carnaval patrocinaram um curso, chamado de Barca que representava os cursos que saíam nas ruas de São Luís até a década de 1970. Assim, “a bordo da Barca navegavam foliões, marinheiros, pierrôs e colombinas, cruz-diabo, dominós e tantos outros personagens do nosso carnaval. Quando a Barca passar, caia na folia do verdadeiro carnaval da gente” (JORNAL PEQUENO, 1994, p. 9)

Só faltaram dizer que a Barca havia ressuscitado os brincantes do carnaval de outrora. A concepção desse resgate imaginário é ressaltada por Woodward (2000, p. 44) ao afirmar “que o passado é parte de uma comunidade imaginada, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo nós”.

Concebo história como uma construção do passado, aquilo que passou e não consegue voltar. Assim, apesar do desejo de alguns saudosistas que tentaram reviver os carnavais de ontem, esse reviver pode ser elaborado apenas nas lembranças dos foliões, pois a história jamais poderá ser recuperada; história não é o passado em si, mas as elaborações do passado que são construídas no presente.

O carnaval que identificava o folião maranhense era o de rua, aquele em que se brincava de forma pura e simples, sem concurso de passarela. Era a época em que “éramos felizes e não sabíamos” como afirma o filósofo Ribamar (1994). Esse é mais um discurso de valorização do carnaval de rua em detrimento do carnaval de passarela. As ruas seriam o espaço de lazer que além de propiciar aos foliões uma sociabilidade também os identificavam como os verdadeiros brincantes da folia de momo em São Luís. Desse modo, Hall (1999) afirma que a identidade cultural de um povo está imbricada na busca da recuperação de uma verdade passada desse mesmo povo, tendo como característica uma origem comum.

Todos esses discursos que valorizavam o passado do carnaval ludovicense, sua importância e a necessidade de recuperação (como se isso fosse possível!) eram materializados nos jornais locais. Outro discurso acompanhava essa primeira premissa: o

discurso da importação, da competição e da descaracterização, que era presentificado no carnaval de passarela. O carnaval de rua, portanto, seria um carnaval puro, com construções de limites culturais rígidos, transformando a cultura ludovicense em uma cultura fechada em si mesma, isolada de um contexto maior, enquanto a passarela seria o espaço de importação, de outros carnavais.

O que, então, contribuiu para que, mesmo com a elaboração de um discurso contrário ao carnaval na passarela do samba, bem como uma política cultural de desvalorização desse espaço, o mesmo permaneceu e permanece ainda nos dias atuais? Primeiro foi a elaboração de outro discurso produzido pelos defensores do carnaval de passarela que passa a desconstruir as arbitrariedades e os conceitos que foram dados a esse tipo de carnaval.

Assim, de acordo com Diniz (2008), mesmo sendo criticadas, as escolas de São Luís mantinham sua singularidade, seu estilo próprio, com temas que valorizavam a cultura do Estado. Além disso, o compositor acredita que a carioquização do carnaval de passarela não passa de uma estratégia de alguns para tirar proveito do carnaval de rua, pois as agremiações que desfilam nos circuitos oficiais recebem para isso. Ressalto que esse discurso nas décadas anteriores era apresentado de outra forma, pois,

[...] Os responsáveis pelos blocos e escolas de samba andam mesmo a passos largos nesse setor momesco. Variam todos os anos as fantasias, aprimoram-se nos ensaios de música e movimentação, ampliam mesmo o número de seus participantes enchendo as ruas de alegria, tanto como se faz em Recife e no Rio [...] o carnaval maranhense se salva por causa deles, que são na verdade dignos de todo elogio [...]. (DIÁRIO DA MANHÃ, 1961, p. 2)

Mesmo sem o apoio dos órgãos oficiais, como Prefeitura e Estado, a passarela sempre foi um local de descontração, algazarra, competição, o lugar onde os brincantes ficavam esperando o bloco rival passar a fim de saber se teria condições de ser campeão e, principalmente,

[...] ao contrário do que muitos esperavam e até torciam, o público prestigiou o espetáculo oferecido pelos blocos. Ninguém se intimidou e foi pra passarela com muita garra. A empolgação foi tal que pareciam até que estavam com todo apoio dos donos do poder. As fantasias eram de primeira e mostraram que em São Luís ninguém consegue acabar com a alegria [...].( O IMPARCIAL, 1996, p. 4)

A reportagem mostra que, em 1996, mais uma vez a passarela sofreu com a falta de apoio do poder público. Saliento que, em 1994, ano em que a passarela foi construída na última hora, a estratégia era tentar acabar com o carnaval de passarela e não ocorrer o desfile oficial. Nesse ano de descaso com o carnaval, as escolas, blocos e tribos de índio que foram para a passarela oneraram seus cofres, mesmo sabendo que nada iriam receber em troca. Essa postura mostrou a força daqueles que compartilham com o carnaval na passarela do samba – o carnaval que também valoriza as coisas do Maranhão.

Desse modo, lançando mão de mais uma estratégia para dar continuidade ao carnaval de passarela, os blocos, as tribos e as escolas de samba, buscaram no próprio carnaval de rua a receita para a continuidade do carnaval de passarela. Em outras palavras, como as apresentações dos circuitos oficiais nas ruas de São Luís eram pagas, essas brincadeiras passaram a participar dos carnavais de rua para angariar fundos e comprar suas fantasias, cobrir seus instrumentos e participar do carnaval de passarela. Nos circuitos oficiais, os blocos tradicionais se apresentam com as fantasias do carnaval anterior, enquanto os blocos organizados e as escolas de samba confeccionam uma camisa identificando a sua agremiação. O certo é que o próprio carnaval de rua, mesmo se posicionando muitas vezes contra o carnaval na passarela do samba, foi utilizado por essas agremiações, de maneira estratégica, para dar continuidade à competição na passarela do samba.

Aproveito para discordar daqueles que afirmam ser o carnaval de rua um espaço onde não há competição. Ao contrário, essa competição apenas não está institucionalizada. Os blocos, como disse Nogueira (2007), descem em peso para mostrar que um é melhor do

que o outro e para mostrar, também, que têm uma bateria mais cadenciada, com um maior número de brincantes. Portanto, concebo isso como competição. Além disso, tradicionalmente, o carnaval é competitivo, pois como afirma Burke (1989), desde o carnaval romano havia disputa de cavalo entre jovens rapazes.

No mesmo período em que ocorria a problemática do carnaval de passarela em São Luís, a Litorânea se tornou um local que também contribuiu para esse tipo de brincadeira, já que estava sendo palco de uma festa com características baianas. Os trios elétricos começaram a fazer a festa da elite que preferia se deslocar para um local perto da praia a ir para o centro da cidade e ver as brincadeiras de São Luís, que perdiam um pouco do seu brilho e encanto.

Essa baianização produziu mais uma vez uma guerra de discurso, só que dessa vez estava de um lado o carnaval maranhense – de rua e de passarela – e do outro, o carnaval da Bahia. Um dos jornais ludovicenses exaltava as duas formas de brincar o carnaval: o da Litorânea, baianizado e o de passarela, agora mais uma vez típico de São Luís:

[...] Quem se orgulha de ver São Luís, puxada por velhos carnavais vai ter que se render à potência dos decibéis dos trios elétricos. São eles que comandam o carnaval em todo o país [...] E se a música deu certo e o carnaval da Bahia derrubou até a Apoteose do Rio de Janeiro, quem é que vai querer outra coisa [...] (O ESTADO DO MARANHÃO, 1995, p.7)

A Litorânea passou a ser o ponto de referência de parte da sociedade ludovicense que se identificava com o carnaval puxado pelos trios elétricos. Apesar dessa opção, outros expoentes da folia preferiam ir para a passarela, pois:

[...] Cerca de 15 mil pessoas assistiram ao desfile oficial de domingo na passarela do samba armada no Anel Viário. A perspectiva maior ficou por conta das escolas de samba [...] uma das maiores tradições do carnaval maranhense, a casinha da roça que este ano completa 56 anos, arrancou aplausos do público que

dançou ao som dos seus tambores [...] ( O ESTADO DO MARANHÃO, 1995,p.9)

É interessante notar que agora o desfile oficial da passarela começa a ser valorizado, pois existia um mal maior: o carnaval da Bahia que estava arrancando aplausos por parte da sociedade. Essa valorização veio acompanhada de uma modificação nas relações sociais que se estabeleceram entre os foliões e os dirigentes das diversas escolas de samba locais. “A competição e a rivalidade entre as principais agremiações permaneciam, mas possíveis divergências entre elas eram colocadas em segundo plano”. (ERICEIRA, 2006, p. 24)

Em primeiro plano estava a erradicação do carnaval dos trios elétricos, postura essa percebida nas contestações das letras dos sambas das escolas que desfilaram na passarela do samba. A Flor do Samba, por exemplo, exaltava em seus versos: “quem muito se abaixa, seu abadá aparece, jamais Jamaica, jamais Bahia de volta a era de Atenas, onde o povo era feliz e não sabia”. (ERICEIRA, 2006, p. 193)

Nessa perspectiva, a passarela continuou sobrevivendo e sobrevive até os dias atuais e abriga o samba, a parte poética de todas as agremiações carnavalesca, a rainha da festa, a sacerdotisa da folia. É o local onde a música carnavalesca continua sendo cantada pelos apaixonados por carnaval, o espaço onde as baterias fazem tremer o chão. É o palco onde não existem espectadores, pois, como lembra Araujo (2001) a plateia mesmo ao assistir aos desfiles, participa dele intensamente, divertindo-se e emocionando-se. Quantos foliões não choram ao ver a sua escola passar? Quantos ritmistas não se emocionam quando a sua bateria começa a tocar? Quanta felicidade é vislumbrada nos olhos e nos rostos dos amantes do carnaval. Por isso, como versa o samba da Flor do samba de 1979 “carnaval é a festa maior”. É de fato a maior festa que a nação Brasil pratica, e, em São Luís, a passarela do samba tornou-se um espaço de contestação, paixão e dizibilidade, no qual pude perceber as mudanças pelas quais o carnaval passou.

## **2. Carnaval de São Luís: mudanças e permanências**

Reitero que as mudanças das agremiações auferidas na festa momesca de São Luís só podem ser compreendidas com o advento da passarela do samba. Defendo a idéia de que antes as manifestações que faziam parte do carnaval desta cidade estavam em constante transformação, por isso que o carnaval anterior à década de 1970 é o carnaval dos cordões. Nesse sentido, cordões é a classificação dada a todas as manifestações que faziam parte do carnaval até antes de 1974, quando foi instituída a passarela do samba.

Isso não significa afirmar que na passarela do samba não havia diversidade; ao contrário, foi o espaço onde diversas manifestações se apresentavam a fim de conseguir o título do carnaval da capital. Ao tentar alcançar o tão almejado título, destaco como mudança significativa na festa momesca primeiro a transformação das turmas de samba em escola de samba.

Até a década de 1970, as escolas de samba de São Luís mantinham um padrão de roupas que representavam as cores de cada agremiação e também cantavam vários sambas. A partir de 1974, quando foi instituída a passarela com arquibancadas, as escolas começaram a desenvolver um samba-enredo, dividindo o desfile em várias etapas e mostrando tal desenvolvimento com as alas estilizadas.

A mudança no tamanho das escolas fez com que diminuísse o número de participantes. Além dessa mudança, o horário de desfile fora alterado; se antes as agremiações saíam pela tarde para brincar o carnaval, a partir da construção da passarela, começaram a chegar cada vez mais tarde. O folião que desejasse contemplar os desfiles das escolas de samba em São Luís deveria ficar até a madrugada e, muitas vezes, até o amanhecer do dia para apreciar o espetáculo carnavalesco.



Essa mudança de horário foi reflexo da própria população e dos organizadores do concurso, já que, ao departamentalizar um espaço para o desfile as manifestações, necessitavam de público para se apresentar. Foi o que aconteceu no carnaval de 1988, quando a Casinha da Roça não aceitou o horário de desfile:

[...] seu Henrique garantiu que vai reivindicar, junto ao presidente da comissão, Eli Gomes, para desfilar entre 18:30 e 19h, pois há dois anos ele vem sendo prejudicado por ter que passar no início da tarde quando ainda não tem público, policiamento, nem serviço de som funcionando na praça. Caso o presidente não resolva a situação da Casinha da Roça, essa irá invadir a passarela do samba, às 19 horas, no domingo, e seus organizadores, não vai ter quem os faça voltar. ‘Vamos passar na marra e ninguém vai nos fazer voltar de ré, avisa Henrique Dias’[...] (O IMPARCIAL, 1988, p. 5)

A Casinha da Roça tradicionalmente abre os desfiles de São Luís, no domingo de carnaval. No entanto, com o apogeu do chamado carnaval de passarela o horário passou a prejudicar os brincantes dessa agremiação que não aceitava mais passar durante a tarde. De acordo com a fala de um dos fundadores do Corso Rural, observo que essa mudança no horário da forma de fazer o carnaval é reflexo da própria comunidade que não mais se deslocava para a passarela nas primeiras horas da tarde. O senhor Felix (2008) afirma que:

[...] Ora rapaz, na nossa época a gente saía mais cedo porque à noite tinha os bailes de máscaras. Por isso, a gente ia pra batucada, passávamos na Rua do Passeio, Deodoro, Rua da Paz, essas ruas aqui do Centro e depois voltávamos pra sede do bloco. Algumas vezes, íamos direto pro Bigurrilho ou pro Berimbau, que eram os bailes populares daqui [...]

É conveniente lembrar que, na década de 1990, com a reestruturação do carnaval de rua, muitos bailes, inclusive de máscaras, voltaram a fazer parte do carnaval de São Luís. Portanto, se nos carnavais anteriores os foliões saíam às ruas cedo para depois ir aos bailes, na década de 1990, por conta da reorganização de alguns bailes, isso também era possível. A mudança de comportamento na forma de brincar o carnaval cedo para depois ir aos bailes não tem sustentabilidade, uma vez que, por vários anos, desde a década de 1980, esses bailes voltaram a ser promovidos:

[...] A temporada carnavalesca de São Luís será movimentada no próximo sábado com a realização do segundo baile de máscaras na associação dos moradores do conjunto COHAB Anil, numa produção da Sacada Produções Artísticas e Culturais, sob a coordenação do jornalista Euclides Moreira Neto [...] Como novidade para o segundo baile de máscaras, será inaugurada a associação principal dos moradores do conjunto COHAB Anil e distribuídos prêmios para as máscaras mais criativas [...] (O IMPARCIAL, 1988, p. 10)

A mudança na forma de brincar o carnaval que antes era de dia e, nesse período passou a ser à noite, deve-se em função do próprio tamanho das agremiações, bem como a própria organização do espaço da passarela. Quando as escolas eram menores, a locomoção delas dos seus locais para o centro da cidade era muito mais fácil. A partir da década de 1970, com o crescimento dessas agremiações, a organização para o desfile requeria mais tempo, pois era preciso organizar as alas, e os carros alegóricos. Porém, segundo o Seu Paulo (2007),

[...] O que fez com que começássemos a passar mais tarde foi o atraso de algumas brincadeiras menores que não passavam no horário estipulado pela comissão organizadora. Aí todo mundo sofre, porque as pessoas ficam cansadas de esperar pelas melhores escolas que geralmente passam só lá pelas altas horas da madrugada [...]

Na verdade, os entrevistados esqueceram que uma das razões para que as escolas comessem a passar mais tarde era o fato de que produziam grandes espetáculos culturais, com muitas alas e carros alegóricos, e tinham grande número de componentes. Esses espetáculos deveriam ser vistos, portanto, à noite, para que o brilho das fantasias e dos carros alegóricos pudesse reluzir com mais facilidade. “Era necessário sair à noite para mostrar as surpresas que estávamos aprontando para os espectadores, a noite era melhor para o brilho dos orvalhos que utilizávamos nas fantasias”, diz Seu Raimundo (2008).

As escolas cresceram, as charangas transformaram-se em blocos organizados, as tribos de índio preferem temas brasileiros – por isso não se chamam mais Sioux ou Apaches, e sim Guarany, Tupi e Carajás. Os blocos tradicionais enriqueceram suas

fantasias, agora luxuosas, e surgiu uma nova categoria: a dos blocos alternativos, que se fazem presentes no folguedo de São Luís somente a partir da década de 1990. Mas as grandes mudanças nas formas de os foliões exercitarem sua arte de fazer no carnaval podem ser sentidas na estrutura da festa e no espaço social da mesma.

A cidade mudou: dos tempos em que os mais velhos saíam às ruas sem medo da violência aos dias dos receios da violência constantes da atualidade. Por a cidade não ser mais a mesma, os espaços em que os foliões praticam a festa carnavalesca também mudaram. Aquele carnaval brincado na Rua do Passeio, Deodoro e João Lisboa, cedeu espaço para novas localidades, como Liberdade, Cohatrac, Vinhais, dentre outros bairros ludovicenses. Os velhos e saudosos carnavais não voltam mais, tem-se outro tempo, outra história – mesmo que seja no mesmo espaço físico cujos interesses sociais, culturais e políticos são outros. O menino levado que fui, agora vive adulto na nova cidade, em novos carnavais.

Como mudanças estruturais, resalto o reflexo do crescimento da cidade e do número da população, elementos que contribuíram para o aumento do número das brincadeiras. A passagem da passarela de um local menor (Praça Deodoro) para outro onde pudesse comportar um maior número de simpatizantes (Anel Viário); os circuitos do carnaval de rua que se estruturaram com som, iluminação, dando uma nova característica a essa forma de participar da festa carnavalesca; e, principalmente, uma mudança brusca na folia de momo ludovicense, são elementos contundentes que fizeram com que o carnaval deixasse de ser do povo e passasse a ser para o povo.

### **3. Considerações finais**

Eu seria um romântico em afirmar que o povo teve o domínio maior sobre a feitura da festa carnavalesca em São Luís, mas como a elaboração da festa carnavalesca – seja nas ruas, clubes ou passarela do samba – passou a ser determinada pelos organizadores, evidentemente que são estes que determinam onde, quando e como ela deve acontecer. A partir da instância em que determinam os espaços onde o folião pode brincar este não pode mais ser considerado um produtor da festa carnavalesca.

Compartilho com Canclini (1983) quando este afirma que toda vez que os grupos populares perdem o controle, a produção e elaboração da festa, esta já não merece ser adjetivada de festa popular. Nessa perspectiva, a partir da organização do folguedo momesco por parte do poder público, o carnaval passa a se tornar não do povo, mas para o povo.

Essas mudanças são sentidas na contemporaneidade, na medida em que os produtores, os artistas e intelectuais começam organizar a festa, transformando os foliões em consumidores da mesma. Assim, o carnaval ludovicense, bem como o carnaval pelo Brasil afora, passa a ter uma nova tessitura, principalmente quando essa festa passou a ser controlada pelos organizadores. Dessa forma:

[...] O carnaval é na verdade um monumento de disciplina. Como imaginar uma população imensa nas ruas, sem ninguém tocar em ninguém ou nos bens privados, a não ser que se por um acidente, por uma perda isolada de controle, ou pela violência dos agentes de policiamento, numa demonstração singular de que espaço e tempo são aí profundamente integrados [...] (BRANDÃO, 1999, p.104)

Ao ser organizado pelo poder público e pela iniciativa privada, o carnaval passa a ser uma festa planejada, com investimentos, negociações e, principalmente, controle da mesma. Não quero estabelecer com isso, muito menos afirmar, que existe um controle social sobre o folião. Diria que, quando é instituído o desfile na passarela ou mesmo nos circuitos de rua com horário de entrada e saída dos participantes e os organizadores da folia

controlam com uma lista o bloco ou escola de samba que faltou, isso diferencia muito o carnaval atual do carnaval passado. Faz parte das mudanças estruturais do carnaval.

Nessa perspectiva, o que muda na festa carnavalesca ludovicense são as estruturas, que tentam normatizá-la através dos seus órgãos institucionais, tais como a MARATUR, (Empresa Maranhense de Turismo) que ao venderem um discurso acerca da melhor forma de participar da festa carnavalesca seria essa ou aquela. O que se percebe é que de um lado, estavam os saudosistas que afirmavam que o nosso verdadeiro carnaval era o carnaval de rua, como se existisse um falso carnaval que seria o de passarela. Na verdade, elabora-se aí uma luta clara na tentativa de exercer o domínio na festa carnavalesca, entre os representantes do Estado e aqueles que não aceitavam tal domínio e demonstraram isso quando, mesmo sem ter concurso oficial em 1996, foram à passarela do samba participar do concurso promovido pela imprensa.

Nesse sentido, elaborou-se capital intelectual<sup>2</sup> que, uma vez instaurado, se reproduziu, tentando impedir, no caso do carnaval ludovicense, a continuidade do carnaval de passarela. Em São Luís, o carnaval na década de 1990 esteve atravessado pela complexa luta entre esses capitais simbólicos: rua versus passarela.

As mudanças ocorridas na festa carnavalesca em São Luís, visíveis na década de 1990, não podem ser compreendidas fora da relação de força que existe dentro desse contexto simbólico. Essa relação se torna mais acentuada nesse período, principalmente pelas mudanças estruturais pelas quais a cidade passou. Não se pode pensar a cidade de 1990 na mesma perspectiva da cidade de 1950, momento que escolhi para o começo desta pesquisa.

---

<sup>2</sup> Segundo Bourdieu, o conhecimento da organização interna do campo simbólico – cuja eficácia reside justamente na possibilidade de ordenar o mundo natural e social através de discursos, mensagens e representações, que não passam de alegorias que simulam a estrutura real de relações sociais – a uma percepção de sua função ideológica e política e legitimar uma ordem arbitrária em que se funda o sistema de dominação vigente. BOURDIEU, 2003, p. 14.

Quanto às permanências, endosso as palavras do senhor Paulo Pavão, o comandante das tribos ao afirmar que:

[...] O que mudou? Tudo, tá tudo mudado, o horário era à tarde, agora pra ti ver alguma coisa só se ficar a noite toda acordado, as brincadeiras eram mais familiares, hoje em dia a gente não sabe quem é quem, toda hora é uma briga. Às vezes fico aqui na praça e quando me espanto é um bando de gente correndo. Na minha época não existia isso. Ah, a única coisa que vejo ainda hoje em dia é o fofão, o resto tá tudo diferente [...]. (NOGUEIRA, 2007)

Seria o fofão a única representação de continuidade no carnaval ludovicense nas décadas de 1990? Durante quarenta e oito anos, de 1950 a 1998, recorte temporal da minha pesquisa, não permanece nada daquilo que existia nos carnavais do passado? Esse era um questionamento que fazia a todos os entrevistados. E todos foram enfáticos em afirmar que tudo está mudado.

Compartilho com essa elaboração de que muitas coisas mudaram. No entanto, algumas manifestações permanecem no carnaval de São Luís, são poucas, mas permanecem. Como elemento de representatividade das permanências, posso elencar os blocos tradicionais que, desde a década de 1930, período nem contemplado nesta pesquisa, existiam os batuques desses blocos e continuam com o mesmo ritmo, a mesma batida. Além desses, o Fuzileiros da Fuzarca, considerado o guardião das tradicionais turmas de samba, também dão continuidade ao seu batuque cadenciado com seus instrumentos de couro e, ainda hoje, preservam a mesma vestimenta, o preto e o branco, cores que representam essa brincadeira desde o primeiro ano de sua existência.

Essas manifestações sentem o reflexo das mudanças sentidas na cidade de São Luís, uma vez que o carnaval não pode estar dissociado dessas elaborações. Mudanças são inerentes ao tempo, registrá-las é o papel do historiador, guardião das memórias de um povo, para que estas não se percam no vazio da existência. Resgatar as memórias da

história do carnaval de São Luís é meu papel como historiador e folião de um tempo de belezas do carnaval – tanto do de outrora como o do momento vivido.

## Referências

ARAUJO, Eugênio. **Não deixe o samba morrer**: um estudo histórico e etnográfico sobre o carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba. São Luís: UFMA/PREXAE/DAC, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRANDÃO, Maria. Carnaval, carnavais: cultura e identidade nacional. In: **Seminários de carnaval**. Salvador: Pró-Reitoria de Extensão: UFBA, 1999.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

DURKHEIM, Emile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

ERICEIRA, Ronald Clay dos Santos. **Haja Deus**: a flor do samba no carnaval da Atenas brasileira. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2006.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo. Ed UNESP, 1991.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

WOODARD, R. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000

## Entrevistas

DINIZ, Carlos Augusto. **Intérprete do bloco organizado Unidos de São Roque**, São Luís, 7 mar. 2008. Entrevista concedida a Fabio Henrique Monteiro Silva. Filmado e gravado em DVD.

MOREIRA, Antonio Félix. **Componente do bloco Fuzileiros da Fuzarca**, São Luís, 4 jan. 2008. Entrevista concedida a Fábio Henrique Monteiro Silva. Filmado e gravado em DVD.

NOGUEIRA, Aerosvaldo Paulo. **Entrevista**, São Luís, 8 nov. 2007. Entrevista concedida a Fábio Henrique Monteiro Silva. Filmado e gravado em DVD.

RAIMUNDO, José. **Entrevista**, São Luís, 4 fev. 2008. Entrevista concedida a Fabio Henrique Monteiro Silva. Gravado e filmado em DVD.

### **Artigos em jornais**

SILVA, Ribamar. Quando o carnaval era o terceiro do país. **O Imparcial**, 13 fev. 1994. Geral.

### **Periódicos**

DIÁRIO DA MANHÃ, São Luís, 16 fev. 1961, p. 2

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 2 mar. 1995. Caderno Alternativo, p. 7.

O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 24 fev. 1996. Geral, p. 5.

O IMPARCIAL, 11 fev. 1988. Geral, p. 5.

O IMPARCIAL, 1988, p.10

O IMPARCIAL, São Luís, 13 fev. 1994. P.4

O IMPARCIAL, São Luís, 20 fev. 1996. Geral.